

O Monumento ao Infante

(Continuação da 1.ª página)

Durante a época da exuberante floração das amêndoas, faz-se a campanha deste fôrmidável caso turístico, genuinamente algarvio? Acabaram os comboios roncereiros e antiquados que servem o Algarve e deram-lhe outros, rápidos, confortáveis, frequentes, além duma recente e insuficiente automotora?

Sem isto, sem o batido Monumento de Sagres e outros motivos de interesse que prendam o turista, como pode o Algarve manter e desenvolver uma indústria hoteleira? E para quê?

«Poucas pessoas visitariam o Monumento».

Depois do que aí se diz, aparentando-se o Algarve como terra não enteada mas portuguesa, quem se atreveia a fazer tal afirmativa?

«A rota de S. Vicente não tem navegação».

No Desfileiro das Termópilas os espartanos deixaram uma pedra gravada, assinalando, para sempre, o seu acto heróico, e, a despeito de ali não existir estrada de primeira classe, ela ficou no local próprio gritando ao mundo a sua existência.

Foi ou não foi de Sagres que largaram as caravelas ou os barcos da descoberta? Foi ou não foi ali que o Infante sofreu as angústias da dúvida e da espera infinitável? Foi ou não ali que o sonho se fez luz para tornar gigante uma pequena nação, cobri-la de assombro aos olhos do mundo e de imortal glória?

Sim, foi dali.

Foi de Sagres, dessa falésia fulva e áspera, onde o mar se vai despedaçar, que o Infante pertinazmente, audaciosamente, venceu esse mesmo mar, queimando nisso toda a sua vida.

E ali que há que assinalar, ali o local.

O marco milenar tem de ser ali erguido sob pena de sacrilégio levantando-o em chão impróprio, para enriquecer vaidosamente o património da capital dum império com um arrebiante frio, pretencioso, insincero, embora cômodo aos novatais por cento adulterados turistas de pexisbeque que por aí giram.

Respeite-se a memória do Infante de Sagres e, em sua honra, levante-se-lhe ali um sinal. Não em Lisboa, não no Bugio, não em Vila Franca, Chão de Maçãs ou qualquer outro disparatado lugar, mas no sagrado local onde o extraordinário fenômeno ocorreu: SAGRES.

E não se diga zombeteiramente que os algarvios

não param de choramingar por lhe tirarem o Monumento, porque isso é ignóbil.

Os algarvios não choraram quando generosamente jogaram a vida no bojo dessas caravelas que o Infante lhes deu para que fossem desvendar o mar e aumentar Portugal — que tanto os ignorava.

Os algarvios apenas se batem para que seja respeitada uma das mais brilhantes figuras de toda a nossa história.

Sagres e o Infante completam-se. Nunca ele nos aparece separado de Sagres. Como separá-los, agora, sem mutilação duma imagem histórica indivisível?

Não pode o sagrado solo de Portugal oferecer maior cenário para tal Monumento do que a grandiosidade do Promontório Sacro, sussurrante de marulho, frente à imensidão do oceano, naquele ambiente místico onde perpassam evocadoramente em cada pedra os dramas que homens de grande fé e vontade ali deixaram escritos para sempre.

O Monumento ao Infante em Sagres é cumulativamente o monumento a todos os mártires e heróis que escreveram a maior epopeia marítima do mundo.

Se o projecto aprovado é muito dispendioso para o conturbado momento que vivemos, se outros entraves há e possibilidade não existe de recomeçar, assinala-se desde já, nas próximas comemorações do Infante, nem que seja com um desses milhentos padrões que os nautas das descobertas espalharam por todo o mundo, o local do promontório histórico onde, oportunamente, se levantarão o Digno Monumento ao imortal Infante, mas não se pense mais em perpetuar essa irremediável fraude histórica do Monumento em local diferente de Sagres.

Embora o imenso fosso do Tejo não permita que a nossa voz penetre na cidadela de Portugal, aqui a deixamos cumprindo o imperativo da nossa consciência como portugueses e como algarvios.

Sebastião Letria

PICK - UP VENDE - SE

Fabrico alemão, estado impecável, com aplicação para discos micro gravados.

Quem pretender dirija-se à Micro-Rádio — Rua de Portugal — Loulé.

MAGAZINE

NO ESTADO DE S. PAULO VIVEM 222.593 PORTUGUESES

Os portugueses formam o mais numeroso grupo de estrangeiros no Estado de São Paulo, totalizando 222.593 pessoas, das quais 141.496 na capital do Estado e as restantes nos diversos municípios do interior.

Segundo os mesmos elementos estatísticos do fim do ano de 1955, veem a seguir as colônias italiana com 208.271 pessoas, japonesa com 146.342, romena com 14.326, síria com 13.929, libanesa com 11.916 e, finalmente, a argentina com 10.954.

Além disso, há no Estado de São Paulo 10.148 apátridas e limitam-se a um representante, as tunisiana, sudanesa e coreana.

SEMANA DO MANDRIÃO

No domingo, nada faço — porque sou fiel e cristão
Na segunda porque abraço — da preguiça a profissão.
Na terça porque o cansaço — me obriga a ser mandrião.
Na quarta não dou um passo — porque temo dão-lo em vão.
Na quinta porque adoeço — com medo de trabalhar.
Na sexta porque padeço — duma afecção pulmonar.
Sábado porque conheço — que é preciso descansar.

PORTUGUESES EM ESPANHA

Os portugueses figuram em primeiro lugar entre os estrangeiros, residentes em Espanha com uma colônia de 16.693 pessoas, segundo revelaram as estatísticas espanholas. Seguem-se os alemães, os franceses e os italianos.

DESAPARECEM AS COZINHEIRAS

Dentro de quinze anos, a gastronomia «artesanal» terá passado a história — declarou George P. Larrick, comissário da administração federal da Alimentação e da Farmácia Americana. Acrecentou que as donas de casa passarão a comprar exclusivamente géneros pré-cozinhados, empacotados em celofane; começará então a era da gastronomia industrial.

Declarou ainda que os serviços que ele dirige estão satisfeitos com os progressos verificados na indústria dos alimentos pré-cozinhados, se bem que levantem um «problema formidável» ao obrigarem o Estado a verificar a inocuidade dos produtos químicos utilizados na preparação das comidas a fim de lhes conservar o gosto, a cor e a frescura.

A «Voz de Loulé» — Loulé N.º 121 — 9-6-1957

Tribunal Judicial Comarca de Loulé

A N Ú N C I O (2.ª publicação)

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé, correu edital de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando os interessados incertos para, no prazo de dez dias, fendo que seja o dos editos, contestarem, querendo, a Acção de Processo Sumário que Luiz Lopes Pontes Maceta, solteiro, médico, residente na Rua das Trinas, n.º 103, rés do chão, da cidade e comarca de Lisboa move contra Incertos, na qual o autor pretende se decidir se não existir qualquer serviço de passagem de pé, de animal de carga ou de carro, no seu prédio rural situado no Porto de Alto, freguesia de Alto, desta comarca, constituído por terras de sementeira e de arvoredo e que confina no nascente com viúva de José Dias Teixeira, norte com Morgado de Alto, poente com viúva de Luiz de Benafim Pequeno e sul com estrada e viúva de José Romão Coelho, inscrito na respectiva matriz predial sob o artigo n.º 7.846 e descrito na Conservatória do Registo Predial de Loulé sob o n.º 10.175, a fls. 122 verso, do Livro B-26.

Loulé, 23 de Maio de 1957.
O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio A. da Veiga
VERIFIQUEI
O Juiz de Direito
Mariano Barbosa Vicente Júnior

Loulé, 23 de Maio de 1957.
O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio A. da Veiga
VERIFIQUEI
O Juiz de Direito
Mariano Barbosa Vicente Júnior

a) Mariano Barbosa Vicente Júnior

"NUFFIELD-UNIVERSAL"

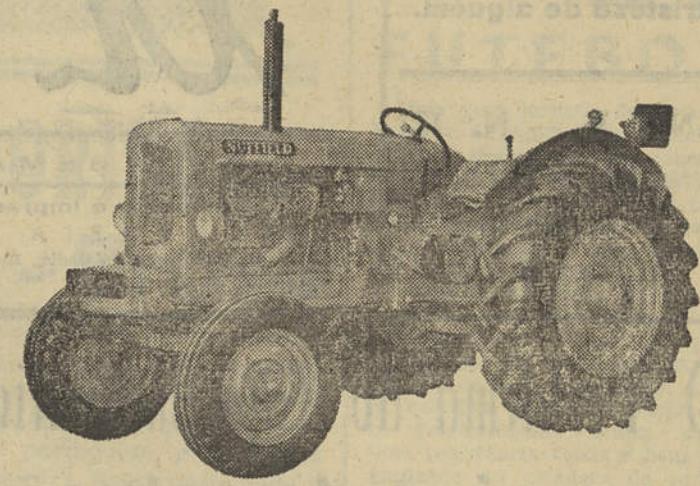
O mais moderno

e completo

TRACTOR DE RODAS

Características principais:

Tractor «NUFFIELD-UNIVERSAL» modelo «DM - 4»



Motor «BMC» Diesel tipo «OEA/2», de 45 HP, 4 cilindros, desenvolvendo 43 HP no tambor de acionamento e 41 HP na barra de tração. **Caixa de velocidades**: 5 para a frente e 1 para a rectaguarda. **Travão de mão** para estacionamento. **Travões de pé** independentes. **Arranque e instalação eléctrica** (máximos, médios e mínimos) incluindo farol de lavoura e buzina. **Pneus**: 7.50 × 18 com 6 telas à frente e 14 × 30 com 6 telas à rectaguarda. **Eixo das rodas** da frente ajustável. **Tambor de acionamento** montado à esquerda, com embraiagem e conversão para a correia trabalhar para a rectaguarda.

Sistema hidráulico de 3 pontos de apoio para alfaias e básculas montadas.

Cortina de radiador e termômetro.

Barra de tração ajustável.

Conta horas

Tomada de força

Ferramentas e caixa para as mesmas

Almofada

Peso exterior montado à frente

Manivela

Espelho retrovisor e reflectores

Peso do tractor 3.080 quilos.

Peso bruto rebocável autorizado 5.625 quilos

Distribuidores exclusivos:

H. VAULTIER & C. A.

Telefone 239

9, Rua Conselheiro Bivar, 9-A

F A R O

Leia com atenção

Curva-se lhe interesse

um destes carros...

Fiat (gasoil) série 20

Fordson — Utilitária —

série 15

Bedford c. fechada — série 16

Anglia — barato

Sinca 500 — série 12

Isabela — série 22

Moto Norton 5 H. P.

Óptimas condições de preço e de mecânica.

Ver na Garagem Avenida — telefone 135 — LOULÉ.

Tratar com Manuel R. Martins (ANICA) — Loulé.

Voo das aves

«A Voz de Loulé» — Loulé N.º 121 — 9-5-57

Tribunal Judicial

Comarca de Loulé

A N Ú N C I O

2.ª publicação

Pela 2.ª Secção de Processos da Secretaria Judicial da comarca de Loulé, correu edito de trinta dias a contar da segunda e última publicação deste anúncio, citando a ré Dorila de Souza Roques, casada, doméstica, ausente em parte incerta, cuja última residência conhecida foi na Rua Gil Eanes, no povo e freguesia de Quarteira, desta comarca, para no prazo de dez dias, fendo que sejá o dos editos, contestar, querendo, a Accção de Divisão de Coisa Comum que contra ela e Manuel Lopes dos Santos movem o Dr. Virgílio Fonseca da Cunha, que usualmente assina Virgílio Cunha, advogado e esposa D. Maria da Glória Costa de Almeida Cunha, dona de casa, residente na Rua de Santa Marta, 41, 1.º da cidade e comarca de Lisboa, na qual os autores pedem que seja adjudicada ou vendida, por não ter divisão, uma morada de casas com quatro divisões e dependências, situada na Rua Gil Eanes, com o n.º 26, em Quarteira, confrontando do norte com António Rocha, sul com Manuel Ribeirinho nascente com Joaquim Lourenço e poente com a Rua Gil Eanes, inscrita na respectiva matriz sob o art.º n.º 578 e omissa na Conservatória do Registo Predial.

Esta anorinha foi anilhada em Mindelo, (Vila do Conde) no dia 15-VII-56.

O sr. Susan L. Oliver, de Sheffield, Inglaterra, comunicou ao mesmo Instituto, que no dia 12 de Abril p. all foi apanhada uma lavandisa também conhecida pelos nomes vulgares de Lavadeira, Arvóea, etc., com uma anilha onde se lia:

MUS. ZOOL. UNIV. PORTO PORTUGAL 1895

Esta ave foi anilhada em Mindelo, no dia 27-X-54.

O Instituto de Zoologia da Universidade do Porto, prossegue no estudo científico da migração das aves. No posto de anilhagem recentemente organizado em Lagos, sob a direcção do sr. Capitão Lourenço F. Duarte, foram ultimamente anilhadas 36 gaivotas.

Ministério da Economia
Direcção-Geral dos Combustíveis
EDITAL

António Alfredo Sanches de Castro da Costa Mamede, Engenheiro-chefe da 2.ª Repartição dos Combustíveis:

Faz saber que a firma Nunes (Irmãos), L. d. requereu licença para instalar um armazém de gasolina, petróleo, gasóleo e fuel-oil, com a capacidade total aproximada de 10.000 litros, classificado na 2.ª classe, com os inconvenientes de perigo de incêndio, sito na R. Dr. Oliveira Salazar — Alto, freguesia de Alto, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas cômودas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas cômódas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo nesta Repartição, Avenida Miguel Bombarda, n.º 6 em Lisboa.

Loulé, 27 de Maio de 1957.

O Chefe da 2.ª Secção
António Ilídio Assis da Veiga
VERIFIQUEI

O Juiz de Direito

a) Marino Barbosa Vicente Júnior

Júnior

VENDE-SE

Um armaz

O problema musical de Loulé

(Continuação da 1.ª página)

mou a seu cargo a regência da Banda de Música da referida Brigada, cargo esse que ainda hoje desempenha.

Em 1940, por convite, reorganizou a Banda de Música da Caixa dos Pescadores da Costa da Caparica, regendo-a durante 9 anos. Foi, durante alguns anos, professor de Canto Coral dos alunos da Fragata D. Fernando, funções que deixou de exercer por serem excessivas e carecer de algum repouso.

Uma vez aposentado, a pedido de vários amigos e conterrâneos e, ainda, por ser louletano 200%, está a reger a «sua Bandeira» onde iniciou a sua carreira musical.

Possui as seguintes condecorações: Medalha de Prata de Exemplar Comportamento da Armada; Medalha de Filantropia e Caridade dos Socorros a Náufragos e com a Medalha de Ouro de Dedição da Legião Portuguesa por serviços prestados na Brigada Naval.

Por estas notas biográficas que hoje damos a conhecer aos leitores de «A Voz de Loulé», se conclue estar de parabens a Sociedade Filarmónica «Artistas de Minerva», pela valiosa aquisição de tão insigne musicólogo para seu Director artístico.

Como atraí digo, não sou da «Velha» nem da «Nova», merecendo-me ambas a minha muita admiração, pelo que de bom e frutuoso têm feito para a cultura musical da minha província; sentindo-me, pois, satisfeita por saber que o «bairrismo» musical em Loulé, voltou novamente a vibrar, como há 80 anos, de que só o Algarve tem a lucrar.

Entretanto pois, na nossa conversa que aqui em Lisboa, tivemos com o nosso amigo Maestro Virgílio Viegas, na Sala de Esaias da Banda da Brigada Naval, em Alcântara, puzemos-lhe a nossa primeira pergunta:

«Por que sabemos Regente da banda «Artistas de Minerva», da vossa terra, pode dizer-nos qual o estado artístico em que a encontrou?

— Pronta resposta. Artisticamente bastante abalada devido à sua desorganização, por falta de preparação dos seus elementos apesar de competentes e possuidores de uma boa vontade.

— Faltava-lhes — continua — o técnico, aquela pessoa que, além de os dirigir, tivesse amor próprio por tão simpática colectividade. Porque isto, de reger uma Banda — elucidada — não está só na batuta, no valor e nos conhecimentos que possamos ter da Arte; é necessário que os elementos que a compõem, vivam o ambiente musical e se solidarizem com o seu regente, para uma maior elevação da Arte Musical.

Uma das principais condições para se fazer trabalho útil — diz — está na estreita camaradagem entre Regente e componentes. Desde que tal se não verifique, é remar contra a maré; sobrepondo-se sempre, a autoridade do Mestre.

— Quais os meios materiais com que conta para fazer integrar a Banda no lugar que o ambiente musical louletano pede e sempre disfrutou?

— Poucos ou quase nenhuns. A juntar à cotização dos amigos e simpatizantes da Banda — esclarece o nosso amigo — há o subsídio da Ex.ª Câmara Municipal que, embora viesse atenuar a sua precária situação, não é o bastante. A banda carece de uma mais lata ajuda da parte dos que

por ela sentem amor. Por isso, apoio por intermédio da «A Voz de Loulé», para que haja uma melhor compreensão de ajuda e entreajuda, em prol da nossa banda. E Loulé tem ainda muitos adeptos da «Artista Minerva», que podem acarinhá-la, ajudando-a.

— Prosssegundo; é digna dos maiores aplausos os incansáveis esforços da sua Direcção feitos, para a sobrevivência da Banda de tão gloriosas tradições. Mas cada onde não há pá...

— Tem algum plano? Pode-se saber?

— Não tenho plano algum. Apenas o que existe, é baseado na grande vontade que tenho de trabalhar em prol da banda, dentro das minhas possibilidades, fazendo nova classe de músicos, isto é, fazer escola, para, no dia de amanhã, substituir aqueles que já se sentem cansados, depois de uma vida inteiraposta ao serviço da cultura musical de Loulé. Sim, porque todo o esforço, dedicação e boa vontade de servir a «Artista de Minerva», é o mesmo que serve LOULE. Ora, já ve, da necessidade que há em se criar novos elementos para que a banda sobreviva para atingir a cravaria de prestígio que outrora, muito ufaniamente, disfrutou.

— Acha que Loulé pode manter duas bandas? Como encara uma possível fusão das bandas «União Margal Pacheco» e «Artista de Minerva»?

— O Maestro Virgílio de Sousa Viegas, de maneira perentória e sem evasivas, responde-nos duas perguntas que lhe puzei:

— Acho que Loulé pode manter duas bandas? Como encara uma possível fusão das bandas «União Margal Pacheco» e «Artista de Minerva»?

— Quantos à fusão, se isso chegassem a ser encarado, que não creio, seria a morte de ambas, «porque desapareceria o «bairrismo» tão necessário a Loulé».

— Aqui demos por finda a nossa conversa, de onde nasceu a entrevista que hoje damos à publicidade, fazendo votos para, quando um dia voltarmos a Loulé, possamos ter o encorajamento de constatar que a banda «Artista Minerva», mercê da proficiente e dedicada regência do Maestro Virgílio Viegas, alcançou aquele grau de elevação musical, que tanto a prestigiam.

Nós bem sabemos que as Filarmónicas portuguesas e sobre tudo as algarvias, atravessaram uma época de crise, indo, algumas localidades, ao declínio quase total, mas a boa vontade dos que adoram e amam a música, podem muito contribuir para as fazer ressurgir às suas primitivas épocas de fulgorante apoteose.

LOULE muito precisa de manter o ambiente musical em que tem sempre vivido.

Uma terra sem arte, sem amor pelas coisas belas, sem o gosto pela música, nunca pode ser merecedora do apodo de civilização.

Se a falta residia na necessidade de um Bom Regente, pode-se considerar preenchida — e numa hora bem feliz — essa lacuna existente na Banda «Artistas de Minerva», com a nomeação do Maestro louletano Virgílio de Sousa Viegas.

Agora têm a palavra os «adeptos» e os que prezam o bom nome de LOULE.

Luis Sebastião Peres

O problema das instalações desportivas na província

(Continuação da 1.ª página)

tiveram a mínima noção do alcance espiritual do Desporto. São lançadas nas fábricas e nas oficinas, na vida, numa palavra, sem aquela noção de compreensão do fenômeno desportivo, que no futuro lhes será necessária, como possíveis espectadores de acontecimentos desportivos. E, é necessário notar, a percentagem destas crianças é muito grande, constitui mesmo a grande maioria — dizemo-lo com pena, que de nenhum modo nos seria grato ocultar.

Sigamos o caudal do nosso pensamento. Agora é o caso das crianças mais felizes, das que têm possibilidades de continuar os seus estudos, nas Escolas Preparatórias do Ensino Técnico ou nos Liceus. Têm duas horas por semana de Ginástica, na melhor das hipóteses. [Porque nem todas as Escolas e Liceus têm o seu Ginásio] Essas duas horas semanais são as mais felizes que passam na vida escolar. Exercitam-se os corpos, amoldam-se os espíritos a uma concepção digna do Desporto, praticam-se os desportos de Ginásio: o voleibol, o andebol de sete, o ping pong, etc. Mas as aulas acabam, e as crianças que há pouco se divertiam no Ginásio da sua Escola ou Liceu, correm alegremente à procura dum pedaço de terreno, onde possam correr atras de uma bola, onde possam libertar as suas palavras obscenas, onde possam ser totalmente iguais a si próprias.

Aqui, os comentários são absolutamente desnecessários. É a verdade tal como a vivemos. Tudo se resolveria se o Futebol, o desporto das multidões, fosse dignificado como o são o voleibol, o andebol, o próprio futebol de salão. Seria difícil? Acho que não.

Para essa dignificação seria necessária a colaboração de técnicos especializados — os professores de ginástica, por exemplo. Mas, acima de tudo, necessitam-se de instalações desportivas, sempre e cada vez mais instalações desportivas, para que todos os desportos estejam em pé de igualdade — é que hoje existe o futebol e os outros desportos.

Continuemos, resumindo. Passa-se poiso todo um período escolar, com duas faces voltadas para o Desporto: durante duas horas por semana, o Desporto é ministrado por moldes pedagógicos e culturalmente utilíssimos; durante todo o tempo que os alunos robam às suas actividades escolares, o desporto aparece lhes tal como o vemos lá fora: estúpido, depravado, selvático quase.

No entanto, a utilidade deste período escolar, ainda que se não faça

sentrir profundamente como seria de desejar, foi cultivada no espírito dos jovens, e os seus frutos dervarão, ou melhor, derivariam, se os jovens, ao sairem dos seus estabelecimentos de ensino, canudo debaixo do braço, tivessem possibilidades de continuar com a prática dignificante das actividades desportivas.

E aqui chegamos a um beco sem saída.

Vejamos o nosso caso pessoal, que é o caso de muitos milhares de jovens portugueses. Saimos da Escola Secundária há quatro anos. Enquanto lá estivemos, embora sem grandes predileções desportivas, passámos o nosso melhor tempo, e deixámos as nossas melhores recordações, nas salas de Ginástica e nos campos desportivos. Muitas vezes apenas como espectador, atento e compreensivo. Depois...

Saimos da Escola. E para nós o Desporto acabou. De algumas centenas de jovens, apenas quatro ou cinco, continuaram a praticar desporto, integrados em vários clubes de futebol. Nada mais, verdadeiramente.

Que transformação se não daria na vida desses jovens, se tivessem possibilidades de continuar a sua prática desportiva, numa atmosfera onde se respirasse realmente Desporto, onde se sentisse dia a dia o progresso conjunto nos corpos e nos espíritos? O que seriam esses rapazes, física e espiritualmente, se, uma ou duas vezes por semana, se dedicasse um pouco a Desporto nas salas acondicionadas dos Ginásios ou nas águas tépidas e suaves das piscinas?

CA e neste CA incluo quase toda a província, não existem nem Ginásios nem piscinas. NADA. Apenas no domingo o Futebol ou o basquetebol praticado por «uns quantos» na sua maior parte pseudo-desportistas, e quase todos os dias — ah como sentimos inveja! — o espetáculo feliz dos jovens dos outros países a sorrirem-nos no ecrã do cinema.

Esta é a realidade.

Esperemos que outras penas de mais valor se debrucem sobre este depoimento, que poderia ter sido assassinado por muitos jovens portugueses, e que corresponde a uma verdade que desejarmos ver dentro de pouco tempo modificada e consequentemente transformada num facto do passado. Onde está o progresso afinal?

CASIMIRO de BRITO

Visado pela Com. Censura

Viva com GAZCIDLA onde quer que viva o combustível ideal para o seu lar Consulte o Agente em Loulé: EDUARDO CORREIA Telefone 82

Folhetim de «A VOZ DE LOULÉ»

Número 15

JEREMIAS GOTTHELF

A aranha negra

(ROMANCE)

Traduzido do Alemão por E. Rocha Gomes

Todavia certa noite alguém se encontrava às portas da morte, à espera do último consolo. Mas ninguém se atrevia a ir chamar o padre, porque a hora sinistra estava a aproximar-se, e não havia outro caminho senão por Kilchsbalden.

Então um rapazito inocente, querido de Deus e dos homens, vendo os anúncios de agonia em seu pai, correu expontaneamente até Sumiswald.

E ficou pasmadinho ao chegar à encosta da capela: viu as faias erguerem-se do chão e depois dois esquilos de fogo atrelados a elas, e ao lado, cavalgando, um feirão bode preto, um homem verde com um aguete de lume na mão e uma pena rubra a borboletar sobre o chapéu. E como que assopradas, assim eram arrastadas as árvore pelos ares, como se fossem penas de ave, e tudo rápido como o acender dum fósforo. Foi isto o que ficou na retina dos cbsugalhados olhos do pobre rapaz. Mas nenhum mal lhe aconteceu.

Ainda não tinham passado três semanas e já noventa faias estavam em Bárhegen, abrindo um frondoso caminho, pois todas conservavam viçosa a sua folhagem e nenhuma secou. Entretanto nem von Stoffeln nem os outros fidalgos que o escarneceram se sentiam bem debaixo delas. Agitava-as uma dúvida secreta sobre o acabamento da obra, mas fingiam desinteressar-se do caso, embora cada um se consolasse a si próprio: se falhar, a culpa não é minha.

Porém, quem agora se sentia melhor era aquela multidão escravizada com cada faia que subia até ao ingreme monte, pois em cada árvore crescia a esperança de se libertarem daquele jugo e enganar o espírito das trevas. Afinal ele não tinha fiança alguma; depois da centésima árvore lá estar o que é que eles teriam que dizer o caçador? Entretanto não se julgavam muito seguros com o negócio; havia sempre todos os dias o receio de que usasse das suas astúcias e os deixasse entregues a si próprios. Mas aconteceu assim, e em dia

A Voz das Freguesias

Boliqueime

prevenidamente cair, ferindo-se gravemente ou mesmo perendendo de encontro aos pedregulhos que enchem o fundo desta neasta «armadilha».

Porém, sendo embora maior por ocasião das Festas, devido à aglomeração de pessoas naquele local, o perigo de um grave desastre está ali sempre à espreita em todos os dias do ano — enquanto o Poço da Vale da Boa Hora não tiver o «gargalo», arranjado e não for desentulhado.

É pois de esperar que a nossa Câmara tome este assunto na devida consideração providenciando com brevidade para que o referido poço beneficie das condições de segurança de que carece em absoluto... e que são absolutamente imprescindíveis.

C.

Portimão

(Continuação da 4.ª página)

lacionando sempre os valores industriais e piscatórios de Portimão, com a evolução dos mesmos através do espaço e do tempo. Assim, pudemos apreciar algumas informações úteis sobre a pesca das diversas espécies, desde o atum ao bacalhau, e, depois, o desenvolvimento da indústria conservadora, desde a sua origem até à actualidade, ficando mais ou menos intelectados da diversidade e evolução dos processos industriais.

Neste trabalho não são esquecidos os números, tão necessários em estudos desta ordem. E assim, pode observar-se a evolução de Portimão, desde o aumento populacional ao movimento de porto e aos valores progressivos do movimento agrícola e industrial.

A bela Praia da Rocha também não é esquecida, e J. A. N. não se limita a falar-nos do seu clima, do seu valor como praia, do seu plano de urbanização; abrillanta a texto com algumas citações do Dr. Orlando Ribeiro, de Eugénio Alt, do Eng.º geógrafo Dr. José António Madeira. E, de novo, o autor refere-se à história para movimentar ainda mais a sua prosa: conta-nos a história do banho através dos tempos.

A Comissão Organizadora dos festeiros, cuja finalidade era a obtenção de fundos para um melhoramento público, viu a sua tarefa muito facilitada pela generosa contribuição de muitas pessoas a quem, por esse motivo, exprime o seu reconhecimento.

Pena é que o estado do mar não permitisse a realização das provas náuticas. Em compensação, o Balle esteve animadissimo, com música quase permanente, para grande satisfação dos jovens ali presentes.

A Comissão Organizadora dos festeiros, cuja finalidade era a obtenção de fundos para um melhoramento público, viu a sua tarefa muito facilitada pela generosa contribuição de muitas pessoas a quem, por esse motivo, exprime o seu reconhecimento.

C.

Parragil

Toda a gente conhece a Ermida da Boa Hora. Ano após ano, o número de pessoas que vêm assistir às brilhantes Festas que em honra de Nossa Senhora da Boa Hora aqui se realizam aumenta sempre, enchendo totalmente o largo fronteira à Ermida, espraiando-se pelas vizinhanças, em amenos passeios.

Pois bem. Mal sabem essas pessoas que desculdam por ali passarem que sob os seus pés se abre um fundo poço onde, se não fosse a previdência de alguém que todos os anos tem o cuidado de tapá-lo convenientemente — muitos poderiam des-

Toda a gente conhece a Ermida da Boa Hora. Ano após ano,

o número de pessoas que vêm assistir às brilhantes Festas que em honra de Nossa Senhora da Boa Hora aqui se realizam aumenta sempre, enchendo totalmente o largo fronteira à Ermida, espraiando-se pelas vizinhanças, em amenos passeios.

Mal desportou o dia seguinte, o sapateado de velhos e novos ecoava pelos caminhos, todos trementes com o mesmo medo curioso, mas todos giravam em volta, sem se atrevem a entrar no largo onde tinham estado as faias; não se sabia se ali poderia estar algum açoito oculto para os que quiseram enganar o caçador.

Um selvagem moço de gado que conduzia queijo para os Apes atreveu-se por fim; deu um salto à frente e não encontrou faias alguma nem deu notícia de nenhuma arte mágica no local. Tudo ficou embasbacado, mas ainda havia em todos uma dúvida, e à frente deles mandaram pular o moço do gado até Bárhegen.

E oh maravilha! Lá estava tudo em ordem, nem faias nem deuses alinhados, nenhuma seca, a ninguém inchou a cara, nem nenhum deu uma perna. Enfim, uma festarola cheia de alegria arraialou dentro dos seus corações, e ao mesmo tempo que folgavam, enciam de ridículo o caçador e os cavaleiros.

E mais uma vez o lapuz asselvajado foi mandado em serviço, desta vez para comunicar a von Stoffeln que em Bárhegen já estava tudo em ordem, e que podia vir contar as faias.

Chegou porém a vez do intratável senhor se encher de terror. Teria mais prazer em Ihes ordenar que desfizessem novamente a avenida das faias, mas a sua soberba não podia fazer

Participações de nascimento

Em modernos e originais
modelos, executam-se na

Gráfica Louletana

Notícias Pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Junho:

Em 9, o menino José Manuel Viegas Vicente de Brito.

Em 18, a sr.ª D. Maria do Carmo Domingues Bolotinha, residente em Lisboa e os srs. José Marcelino Baptista e Carlos Ramos Martins Elias.

Em 20, o sr. Augusto Maria Domingues Bolotinha, residente em Lisboa, a menina Idália Maria Fogaça da Costa, residente em Faro e o menino Joaquim Manuel Júdice Pontes.

Em 21, a sr.ª D. Maria Murta Oliveira e Sousa, D. Maria Alexandrina Murta Oliveira Chumbinho e o menino João Nuno Rocheira Guerreiro Rua.

Em 22, o sr. João Valadares d'Aragão e Moura e as sr.ªs D. Esmeralda Vairinhos Dias e D. Tomazia Vairinhos Dias, e o sr. José Vieira Martins, residente em Quarteira e o menino José dos Santos Bota Centeno Passos.

Em 23, o sr. Joaquim Corpas Rocheta, residente em Moçambique, a sr.ª D. Joana Passos B. Correia e a menina Damázia de Sousa Vairinhos Dias.

Em 24, as meninas Eunice Maria da Piedade Pinto Lopes, residente em Lisboa, Maria João Mendonça Portela, a sr.ª D. Maria Santos Russos e o sr. Eduardo João Passos Correia.

FALECIMENTOS

—Com a idade de 64 anos, faleceu nesta vila, no pretérito dia 6 do corrente, o nosso prezado assinante sr. José da Piedade Coelho, proprietário, solteiro, que durante longos anos foi guardião-livros da firma J. F. Guerreiro, Sucrs.

O extinto era filho de Joaquim da Piedade Coelho e Angelina Coelho, falecidos, e irmão do sr. Joaquim da Piedade Coelho e sr.ª D. Maria da Luz Coelho de Matos, casada com o sr. Efigénio de Matos.

A família enlutada endereçamos as nossas sentidas condolências.

PARTIDAS E CHEGADAS

Por ter sido colocado em Lisboa, fixou residência na capital o nosso prezado assinante e conterrâneo, sr. Gaspar da Piedade Silva Encarnação, funcionário da Secção de Finanças.

BAILE na

Sociedade R. Almansilense

No domingo, dia 9, realiza-se mais um animado baile nesta Sociedade, com a participação dum excelente orquestra.

Igreja do Ameixial

O sr. Ministro das Obras Públicas concedeu, pela verba do Fundo do Desemprego, à Diocese do Algarve, uma com-participação de 20 contos para a 1.ª fase das obras de reparações em curso na Igreja do Ameixial, do nosso concelho.

Francisco Vargas Freire

Tem o prazer de participar ao Ex.º Público de Loulé, que sob a denominação de

CASA VARGAS

acaba de abrir na Praça República, 34-38 (em frente ao edifício da Câmara Municipal) um moderno estabelecimento de fazendas e retrozeiros, cujo abundante sortido inclui as mais recentes novidades em:

Sedas ~ Tecidos de lã e algodão ~ Malhas ~ Colchas ~ Atoalhados ~ Camisas ~ Meias, etc., das melhores qualidades e aos mais baixos preços.

Não faça, pois, as suas compras sem consultar a CASA VARGAS

A Cantina Escolar

(Continuação da 1.ª página)

nhando o dinheiro correspondente a 6 meses duma cota mensal que fixou em \$300. Mais um sócio, um bom sócio, que, a exemplo do Evangelho, dá com a direita de modo que a esquerda não veja. Não diz o seu nome... Mas bem haja pela acção. Que muitas «Familias louletanas» sigam o seu exemplo.

Muitos podem ser sócios e não o são, talvez por indiferença, talvez por desconhecimento... Para os que desconhecem, dirímos estas palavras. Para os que fizeram chegar até nós o auxílio pedido vão os nossos agradecimentos. E, aos indiferentes, que poderiam ajudar a Cantina e não o fazem, simplesmente porque não o fazem, dir-lhes-emos: Ide à Escola Masculina n.º 1, onde funciona a Cantina Escolar. Reparai nos olhos fálmintos das crianças, na sofrerida com que comem o prato da sopa apetitosa e fumegante. Pois bem; para que isso fosse possível, contribuíram muitos dos vossos conterrâneos, alguns dos vossos vizinhos. Podeis sentir como eles a alegria que proporciona a prática duma boa acção.

Se contribuirdes para esta obra, as crianças beneficiadas poderão ser mais, pois as precárias circunstâncias em que a Cantina se encontrava obrigar-nos a reduzir o número dos que disfrutaram deste benefício. Essas e outras mais, precisam da vossa ajuda.

«Ajudai e... sereis ajudados». A Cantina espera mais sócios e mais ofertas. Bem hajam os que chegaram até nós a ajudar-nos.

O. M. C.

O Problema do Figo Industrial

(Continuação da 1.ª página)

o Algarve, do chamado figo industrial.

Apresentou àquele ilustre membro do Governo uma longa e fundamentada exposição de que, no próximo número, daremos as principais passagens para conhecimento do público interessado, sobre a qual o Sr. Dr. Ulisses Cortes fez depois várias considerações.

Das declarações do Sr. Ministro ficámos com a impressão de que, não obstante a re-olução do problema estar ligada ao do álcool, o Governo procurará tomar medidas que permitam minorar as dificuldades da Lavoura Algarvia. Assim, para já, foi despatchado imediatamente pelo Sr. Dr. Ulisses Cortes no sentido de ser levantado o figo ainda existente no Algarve, com redução da taxa a cobrar pela Junta Nacional do Vinho de modo a diminuir, dentro do possível, os prejuízos resultantes da diferença de preços. Para o futuro, foi ponderada e prometida a criação de cooperativas de destilação, com a garantia de que a primeira seria no Algarve, com possibilidades, até, de fabrico de álcool; a fomentação do consumo de álcool de preferência a qualquer outro produto, de forma a escoar a produção; o fomento das actividades agro pecuárias com intensificação da assistência técnica à Lavoura, de modo a melhorar a produção do figo comestível a devolução, à produção dos 10.000.000\$00 acumulada na J. N. V. pela cobrança de taxas sobre o álcool e que ainda não foram



PORTIMÃO

Por
Joaquim António Nunes

A louvável iniciativa da Casa do Algarve, ao encarregar a sua Comissão Cultural para dirigir uma Coleção de Estudos Algarvios, teve agora seguimento c.m a publicação do seu III volume — Portimão, da autoria de Joaquim de Sousa Nunes, Membro do Conselho Superior Regional da Casa do Algarve, na qualidade de representante do concelho de Portimão.

Os dois primeiros volumes desta colecção, Património Cultural Árabe-Algarvio e Sagres e o Infante, parece que constituiram êxito assinalável. Não me chegam a banco de trabalho, mas pelas referências dum amigo, são obras realmente sérias e que muito contribuem para uma possível biblioteca algarvia.

PORTIMÃO, o volume de J. Joaquim António Nunes, é um trabalho de valor. O autor não se limita a falar de Portimão, a bela cidade do Arade, e não perde uma oportunidade de informar sobre quaisquer assuntos que se relacionem com as actividades de Portimão.

Comega por se referir às hipóteses sobre a fundação, ou melhor, sobre as origens da actual cidade. Refere-se a Porto Aníbal, demonstrando conhecimentos ou elementos históricos perfeitamente alinhados. E continua referindo-se também aos lugares que existiram perto da actual Portimão, concluindo intelligentemente sobre o assunto. Entramos na História de Portimão, e na sua evolução, onde primeiro a necessidade de uma pon-

aplicados nos finos a que se destinavam; e a criar novas aplicações para o figo industrial e um tratamento em pé de igualdade da produção do Algarve e de Torres Novas. Finalmente aquele membro do Governo anunciou para breve a publicação de um diploma que cria o concelho do Alcool, a funcionar junto da Junta Nacional do Vinho, donde o Algarve estará representado para estudo e resolução dos problemas respeitantes à industria e comércio do álcool, cuja ligação com os do figo é bastante íntima.

Ficou-nos a impressão que neste ramo da sua vida agrícola a nossa província vai merecer a atenção dos poderes públicos e conseguir a almejada igualdade de tratamento com relação a Torres Novas, no que aliás, nos não será feito favor.

GELADOS?

Só no Café Aviz

Instalações apropriadas, com todos os requintes de higiene; matérias primas da mais segurança procedência; um fabrico esmerado e consciente e uma enorme variedade de bem apaladadas espécies tornam esta Casa a preferida — em Loulé, pelos bons apreciadores e conhecedores de gelados...

O seu proprietário, Francisco de Sousa Lopes, também está apto a fornecer estes deliciosos gelados ao domicílio, em embalagens próprias, bem como para casamentos, festas, etc.

Vende também os inegualáveis Gelados Rajá, de que é representante.

Por isso você não esqueça... o que já toda a gente diz: — logo que um gelado lhe apeteça prefira os do Café Aviz...

TORNEIO POPULAR DE FUTEBOL



Um vento incomodativo a soprar níveis de poeira... um cartaz «compreendendo apenas dois jogos... os teams em presença algo pendurados... no fim da tabela... a inauguração da Feira Popular em Faro... foram factores a arredor do Estádio Campina os espectadores, proporcionando assim uma fraquíssima assistência à 8.ª jornada do Torneio Popular de Futebol de Loulé realizada no passado domingo, dia 2.

Até os jogadores parecem ter-se ressentido do desinteresse do público, não dando o rendimento habitual, muito especialmente aqueles de quem seria lícito esperar melhor exibição...

Assim, vimos no primeiro desafio do Unidos em plena desorientação perante o Almansil, que também, aliás, não parecia muito seguro, mas cujos esforços sempre se traduziram por 1-1, equivalente a uma vitória se atentarmos no adversário.

O resultado foi conseguido sómente no 2.º tempo, depois de muitas tentativas infrutíferas de parte a parte.

No 2.º e último desafio da tarde os Leões entraram bem, ripostando «taco a taco» em toda a 1.ª parte, e marcando, no princípio da 2.ª o primeiro golo da partida.

Só «foram abaixo» perto do final, perante a persistente e enérgica reacção do Ponto Azul, cuja contra-ofensiva acabou por se traduzir em 3 golos nas redes dos Leões.

... E pronto. Com estes 3-1 acabou o desafio e com ele esta jornada, de apagada história e fraca memória...

Espectador

Concerto na Avenida

Sob a proficiente regência do nosso conterrâneo sr. Virgílio de Sousa Viegas, a Filarmónica Artistas de Minerva executará na próxima 2.ª feira, Feriado Nacional, um concerto no coreto da Avenida José da Costa Mealha, das 17 às 19 horas.

As regas va-

lorizam as

sus terras...

Os motores VILLIERS

valorizam as suas regas...

Portanto adquira quanto antes um destes esplendidos motores no Agente em Loulé

Manuel Francisco Guerreiro

Largo Gago Coutinho, 11

e verá rapidamente aumentado o seu rendimento

Comissão Municipal de Assistência de Loulé ANÚNCIO

FAZ SE PÚBLICO, que no dia 20 de Junho de 1957, pelas 16 horas, na sede da Comissão Municipal de Assistência de Loulé (Santa Casa da Misericórdia de Loulé) perante a Comissão para esse fim nomeada, se procederá ao concurso público para arrematação da obra de empreitada de construção do mobiliário para o Centro de Assistência Social Polivalente em Loulé.

Base de licitação . . .

186.358\$00

Para ser admitido ao concurso é necessário apresentar documento comprovativo de ter feito na Caixa Geral de Depósitos, suas Filiais ou Delegações, o depósito provisório de Esc. 4 659\$00, mediante guia passada pela Comissão Municipal de Assistência de Loulé, em qualquer dia útil, durante as horas de expediente, e até às 12 horas do dia do concurso.

O depósito definitivo será de 5% da importância da adjudicação.

O programa de concurso e o projecto estão patentes todos os dias úteis durante as horas de expediente, na Câmara Municipal de Loulé e na Direcção de Urbanização de Faro.

Comissão Municipal de Assistência, 20 de Maio de 1957.

O Presidente da Comissão Municipal de Assistência de Loulé,

José Trindade Figueiredo de Mascarenhas

MOBILIARIA

Em todos os estilos, das melhores madeiras e com o mais perfeito acabamento, encontra V. Ex.ª em exposição permanente na



ELEGANTES-SÓLIDOS-ECONÔMICOS

CASA MATIAS

Telef. 210 — LOULÉ — (próximo ao Hospital)

Estofos, decorações, tapeçarias, oleados, quadros, candeeiros e ferragens para móveis
Colchões MOLAFLEX Mesas e cadeiras para CAMPISMO e PRAIA

Preços reduzidos em todas as concorrências

Ninguém vende melhor nem mais barato

COLOCAM-SE AS MOBILIARIA EM CASA DOS CLIENTES

Execução perfeita de todos os trabalhos de marceneiro, polidor e estofador